



Uma reflexão teológica e pastoral para o cristão de hoje

A vida espiritual é, em sua essência, o caminho da união com Deus. É uma peregrinação interior que começa no Batismo e é chamada a culminar na santidade. No entanto, aqueles que procuram viver seriamente a sua fé logo descobrem uma realidade desconcertante: progredir espiritualmente é muito mais difícil do que parece.

Muitos cristãos rezam, participam da Santa Missa, recebem os sacramentos e até realizam obras de caridade, mas sentem que permanecem estagnados. Perguntam-se por que não experimentam um crescimento mais profundo, por que recaem repetidamente nos mesmos defeitos ou por que o seu relacionamento com Deus parece não avançar.

A pergunta é fundamental: o que mais impede o progresso na vida espiritual?

A resposta pode parecer simples, mas encerra uma enorme profundidade teológica: o que mais impede o progresso na vida espiritual é o apego desordenado ao próprio eu. Em outras palavras: o orgulho.

Todos os outros obstáculos nascem, de uma forma ou de outra, dessa raiz.

O grande inimigo oculto

Quando pensamos nos obstáculos da vida espiritual, costumamos apontar fatores externos: o mundo moderno, as tentações, a falta de tempo, as más influências, a secularização ou até mesmo as dificuldades pessoais.

Entretanto, a tradição espiritual da Igreja sempre ensinou que o principal inimigo encontra-se dentro de nós.

Os Padres do Deserto, os grandes mestres espirituais do Oriente e do Ocidente, São Bento, São Bernardo, São Tomás de Aquino, Santa Teresa de Ávila, São João da Cruz e São Francisco de Sales concordam em um mesmo ensinamento: o maior obstáculo para a ação de Deus na alma é o amor desordenado por si mesmo.

Não se trata de uma autoestima saudável nem de um legítimo cuidado consigo mesmo. O problema surge quando o homem coloca a si próprio no centro de tudo.



O orgulho faz com que busquemos a nossa vontade antes da vontade de Deus.

Faz-nos querer servir a Deus, mas segundo as nossas próprias condições.

Leva-nos a rezar quando temos vontade.

A obedecer quando estamos de acordo.

A praticar a virtude enquanto ela não nos custar muito.

Em última análise, o orgulho tenta transformar Deus em servo dos nossos desejos.

A origem do problema: uma ferida que vem do pecado original

Para compreender essa realidade, precisamos voltar ao livro do Gênesis.

A primeira tentação da serpente foi precisamente um convite ao orgulho:

▮ *“Sereis como deuses.” (Gn 3,5)*

O pecado original não consistiu simplesmente em comer um fruto proibido.

Foi a decisão de colocar a própria vontade acima da vontade divina.

Adão e Eva deixaram de confiar em Deus e quiseram determinar por si mesmos o que era bom e o que era mau.

Desde então, toda a humanidade carrega essa inclinação.

A teologia católica chama essa tendência de “concupiscência”.

Embora o Batismo apague o pecado original, permanece em nós uma inclinação para o mal que continuamente nos impulsiona a buscar o nosso próprio interesse antes da glória de



Deus.

Por isso, a vida espiritual é uma luta constante.

Não contra Deus.

Não contra os outros.

Mas contra o nosso próprio egoísmo.

O orgulho: a raiz de todos os pecados

A tradição cristã considera o orgulho como a mãe de todos os pecados.

São Tomás de Aquino afirma que o orgulho é uma desordem pela qual o homem busca uma excelência que não lhe pertence.

É a recusa prática de depender de Deus.

Por isso, o orgulho pode esconder-se até mesmo por trás das melhores obras.

Pode haver orgulho no jejum.

Pode haver orgulho na oração.

Pode haver orgulho no estudo da teologia.

Pode haver orgulho no apostolado.

Pode até haver orgulho na busca da santidade.

A alma orgulhosa quer ser admirada por sua virtude.

Quer ser reconhecida.

Quer ter razão.



Quer destacar-se.

Quer controlar.

Quer ocupar o centro.

E enquanto o “eu” ocupa o centro, Cristo permanece deslocado.

O Evangelho nos mostra o contraste

Cristo apresenta-nos dois modelos opostos.

De um lado, o fariseu.

Do outro, o publicano.

O Evangelho diz:

“O fariseu, de pé, rezava consigo mesmo: ‘Ó Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens...’”

Enquanto isso, o publicano dizia apenas:

“Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador.” (Lc 18,11-13)

Jesus conclui:

“Quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.” (Lc 18,14)



Esse ensinamento é revolucionário.

O progresso espiritual não depende principalmente do quanto fazemos, mas do quanto permitimos que Deus aja.

E Deus age especialmente nas almas humildes.

A autossuficiência espiritual: uma doença moderna

A nossa época favorece enormemente o crescimento do orgulho.

Vivemos em uma cultura centrada no indivíduo.

A autonomia pessoal é constantemente exaltada.

Ouvimos repetidamente:

“Confie em si mesmo.”

“Siga a sua verdade.”

“Faça o que o faz feliz.”

“Não dependa de ninguém.”

Embora algumas dessas expressões contenham elementos positivos, quando são absolutizadas acabam entrando em choque direto com o Evangelho.

A fé cristã ensina algo muito diferente:

Precisamos de Deus.

Dependemos de Deus.

Não podemos salvar-nos sozinhos.



Não podemos santificar-nos com as nossas próprias forças.

Não podemos vencer o pecado sem a graça.

Jesus afirmou isso com absoluta clareza:

| *“Sem mim nada podeis fazer.” (Jo 15,5)*

Essa frase deveria ecoar constantemente dentro de nós.

Ele não diz: “Podeis fazer pouco.”

Ele não diz: “Podeis fazer menos.”

Ele diz:

“Não podeis fazer nada.”

A santidade é impossível sem a graça divina.

Outro grande obstáculo: a tibieza espiritual

Do orgulho nasce frequentemente outro terrível inimigo: a tibieza.

A tibieza consiste em conformar-se com uma vida espiritual medíocre.

É deixar de lutar.

É acomodar-se em uma fé superficial.

O cristão túbio não rejeita Deus abertamente.

Simplesmente deixa de procurá-Lo com intensidade.

Faz apenas o mínimo.



Reza quando pode.

Confessa-se de vez em quando.

Vai à Missa, mas sem uma verdadeira conversão interior.

Pouco a pouco perde o fervor.

E o mais perigoso é que muitas vezes nem sequer percebe isso.

O livro do Apocalipse contém uma das advertências mais fortes de toda a Sagrada Escritura:

“Porque és morno, nem frio nem quente, estou para vomitar-te da minha boca.” (Ap 3,16)

Essas palavras podem parecer duras, mas exprimem uma realidade profunda: Deus deseja o nosso coração por inteiro.

Não apenas uma parte.

Não as sobras.

Não o tempo que resta depois de tudo o mais.

O apego ao pecado venial

Outro enorme obstáculo ao crescimento espiritual é o apego voluntário ao pecado venial.

Muitas pessoas acreditam, erroneamente, que enquanto evitarem o pecado mortal, tudo estará bem.

No entanto, os santos ensinam que quem deseja avançar rumo à santidade deve combater também os pecados menores.



Não porque destruam a graça santificante, mas porque enfraquecem a caridade.

As pequenas concessões acabam criando hábitos.

Os hábitos criam correntes.

E as correntes acabam dificultando enormemente a ação de Deus.

São João da Cruz utilizava uma imagem muito expressiva.

Um pássaro preso por uma corda grossa não pode voar.

Mas também não pode voar se estiver preso por um fio muito fino.

A questão não é a espessura da corda.

A questão é que ele continua preso.

As distrações do mundo moderno

Nunca foi tão fácil distrair-se como nos dias de hoje.

As redes sociais, o entretenimento constante, a hiperconectividade e o consumo ininterrupto de informações criaram um ambiente pouco favorável à vida interior.

Muitos cristãos dizem que não têm tempo para rezar.

Mas passam horas no telemóvel.

Não têm tempo para ler o Evangelho.

Mas têm tempo para percorrer centenas de publicações.

Não têm tempo para a adoração.

Mas têm tempo para entretenimento contínuo.



O problema não é a tecnologia em si.

O problema é que o ruído exterior acaba produzindo um enorme ruído interior.

E Deus costuma falar no silêncio.

Lembremo-nos da experiência do profeta Elias.

Deus não estava no terremoto.

Nem no fogo.

Nem no furacão.

Manifestou-Se na brisa suave (1 Rs 19,11-13).

As almas que nunca fazem silêncio dificilmente conseguirão ouvir a voz de Deus.

A falta de vida sacramental

Nenhum crescimento espiritual autêntico é possível sem os sacramentos.

Particularmente sem a Confissão frequente e a Eucaristia.

A graça não é uma ideia abstrata.

É uma realidade sobrenatural comunicada por Deus.

Os sacramentos são os canais ordinários pelos quais Cristo continua a agir na sua Igreja.

Quem negligencia os sacramentos tenta avançar espiritualmente sem alimento.

É como querer correr uma maratona sem comer.

Mais cedo ou mais tarde acabará exausto.

Os santos foram homens e mulheres profundamente sacramentais.



Sabiam que a santidade não se constrói apenas com esforço humano.

Constrói-se cooperando com a graça.

A humildade: a chave para todo o progresso espiritual

Se o orgulho é o principal obstáculo, a humildade é a principal solução.

A humildade não consiste em desprezar-se.

Nem em pensar que não se vale nada.

A humildade consiste em viver na verdade.

Reconhecer quem é Deus.

Reconhecer quem somos nós.

Reconhecer a nossa dependência absoluta da graça.

A Virgem Maria é o modelo perfeito.

Quando o anjo lhe anuncia que será a Mãe de Deus, ela responde:

| *“Eis a serva do Senhor.” (Lc 1,38)*

Ela não procura protagonismo.

Não procura reconhecimento.

Não exige explicações.

Simplemente abandona-se à vontade divina.



E precisamente por causa da sua humildade tornou-se a maior de todas as criaturas.

Como avançar verdadeiramente na vida espiritual

À luz de toda a tradição católica, podemos identificar alguns meios concretos:

1. Oração diária e perseverante

Não espere sentir vontade.

A oração deve tornar-se uma prioridade diária.

2. Confissão frequente

A Confissão não é apenas para os pecados graves.

É uma escola de humildade.

3. Uma vida eucarística vivida em profundidade

O próprio Cristo alimenta a alma.

4. Exame diário de consciência

Permite descobrir defeitos que normalmente passam despercebidos.

5. Leitura espiritual

A Sagrada Escritura e os escritos dos santos iluminam o caminho.

6. Praticar a humildade

Aceitar correções.



Reconhecer os próprios erros.

Pedir perdão.

Servir sem buscar reconhecimento.

7. Combater os apegos

Perguntar-se sinceramente:

Que coisa ocupa no meu coração o lugar que deveria pertencer a Deus?

Conclusão: a verdadeira batalha está dentro de nós

A história da vida espiritual é, em grande parte, a história de uma batalha entre dois amores.

De um lado, o amor a Deus.

Do outro, o amor desordenado por si mesmo.

Todos os obstáculos espirituais acabam conduzindo a essa encruzilhada.

O orgulho, a tibieza, os apegos, as distrações, a autossuficiência e o pecado têm uma raiz comum: a tentativa de colocar o nosso eu no trono que pertence unicamente a Deus.

A boa notícia é que Cristo não nos abandona nessa luta.

A sua graça é mais forte do que as nossas fraquezas.

A sua misericórdia é maior do que as nossas quedas.

E quanto mais reconhecemos a nossa pobreza espiritual, mais espaço damos para que Ele aja.

Os grandes santos não foram pessoas perfeitas. Foram pessoas profundamente humildes que



compreenderam uma verdade fundamental: a santidade começa quando deixamos de confiar principalmente em nós mesmos e começamos a confiar plenamente em Deus.

Por isso, se realmente queremos avançar na vida espiritual, a pergunta decisiva não é quanto sabemos, quanto fazemos ou quanto aparentamos.

A pergunta é outra:

Estou disposto a deixar que Deus ocupe o primeiro lugar na minha vida?

Porque onde o ego recua, a graça avança. E onde a graça avança, começa o verdadeiro caminho para a santidade.